

Recife, Volume 12, 2023 (01-09)

<https://doi.org/10.51359/2238-8052.2023.258257>

“SEM MEDO DO FUTURO”: UMA ANÁLISE DE CONJUNTURA A PARTIR DA OBRA DE GUILHERME BOULOS

“WITHOUT FEAR OF THE FUTURE”: AN ANALYSIS OF THE CONJUNCTURE BASED ON THE WORK OF GUILHERME BOULOS

Julice SALVAGNI¹, Victória Mendonça SILVA²

¹ Professora Adjunto no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, E-mail: julicesalvagni@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6334-0649>

² Graduanda em Administração Pública e Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, E-mail: vickymendoncass@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6728-3744>

Artigo recebido em 18/04/2023, aceito em 27/10/2023.

Palavras-chave:

Movimento dos Trabalhadores Sem Teto; Guilherme Boulos; Luta pela Moradia; Conjuntura Política; Movimentos Sociais.

RESUMO

Trata-se da resenha do livro “Sem medo do futuro”, escrito por Guilherme Boulos, que é líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto e Deputado Federal no Brasil. Terceiro livro de sua carreira, se destaca das obras anteriores trazendo relatos comoventes, dados comparativos, crítica forte ao governo de extrema direita e uma visão objetiva e corajosa sobre os próximos passos na vida política brasileira. Sendo professor, psicanalista, escritor, ativista e político, Boulos costura suas áreas de conhecimento desmascarando a crise da vida urbana no país, ilustrando e convidando o leitor não somente para reflexão, mas para lutar por um futuro mais justo.

Keywords:

Homeless Workers Movement; Guilherme Boulos; Struggle for housing; Political Conjuncture; Social Movements.

ABSTRACT

This is a review of the book “Sem Medo do Futuro” - Fearless for the future by our translation, written by Guilherme Boulos, leader of the Homeless Workers Movement and Federal Deputy in Brazil. The third book of his career, it stands out from previous works, bringing moving stories, comparative data, strong criticism of the extreme right government and an objective and courageous view of the next steps in Brazilian political life. Being a professor, psychoanalyst, writer, activist and politician, Boulos weaves together his areas of knowledge, unmasking the crisis of urban life in the country, illustrating and inviting the reader not only to reflect, but to fight for a fairer future.

1. RESENHA

Boulos começa o livro descrevendo o despejo violento de uma ocupação do MTST de Osasco, em 2003, local em que ele próprio já tinha morado. Cenas de gás lacrimogêneo contra os moradores, incluindo idosos, gestantes e crianças, é relatado em detalhes, incluindo a agressão contra uma senhora e seu filho adolescente, jogados na lama, algemados e postos na viatura após discutirem com os policiais. Segundo ele, isso acontece porque “os sem-teto são tratados como “subcidadãos”, ou seja, como alguém considerado, na verdade, ‘um ninguém’, ou pior, um estorvo que pode ser removido violentamente de onde vive, agredido e massacrado, sem que isso gere nenhuma compaixão” (Boulos, 2022, p. 28). Sem deixar de valorizar o aprendizado formal, ele afirma que aprendeu muito mais com a vida na ocupação: “as histórias de vida do povo mais sofrido deste país são ensinamentos em carne viva sobre estratégias de sobrevivência, valores comunitários e muita, muita coragem” (Boulos, 2022, p. 25). Neste sentido, ele reforça que a escolha de ser militante habita na “capacidade de sentir a dor do outro como se fosse nossa” (Boulos, 2022, p. 26).

O autor enfatiza que são os momentos de vivência com a comunidade que trazem a força para a militância socialista resistir, o que sinaliza uma postura política em relação à esquerda. Boulos entende a ocupação como um ensinamento sobre a empatia, sobre a necessidade de se construir vínculos de solidariedade que “não nasce dos grandes salões de eventos filantrópicos, nasce da cooperação entre seres humanos nas condições mais difíceis” (Boulos, 2022, p. 28). Um retrato disso são as cozinhas coletivas das ocupações sem-teto: “São espaços onde se alimentam centenas de pessoas diariamente, tudo movido pelo trabalho voluntário e por doações. O princípio básico é que comida não se nega, independentemente de a pessoa ter podido doar ou não alimentos para a cozinha” (Boulos, 2022, p. 32). Tal aspecto reforça a ideia de que “a solidariedade entre os pobres é um fenômeno autêntico” (Boulos, 2022, p. 32).

Na concepção do movimento, a religião aparece como possibilidade de reforço no ânimo das pessoas e o senso de coletividade, já que a fé é essencial para quem não possui mais nada. Por isso, há uma retórica em torno do respeito com a fé alheia. Tal ponto traz um aceno para a forma mais inclusiva com que a esquerda, de modo geral, deve passar a lidar com o tema das religiões. Ainda que o histórico de expressivos movimentos no Brasil, como é o caso do MST, tenha sido pelas Comunidades Eclesiais de Base, os últimos anos tem mostrado inúmeras dificuldades ao pensamento progressista de permear em grupos religiosos, sobretudo neopentecostais. Esse aspecto vai ao encontro do profundo respeito que Boulos demonstra pela sabedoria popular, reforçando premissas de se saber construir e partilhar o conhecimento. Segue então contando casos de pessoas que conheceu e aprendeu com elas.

Boulos também salienta como a convivência coletiva e atividades de cooperação ajudaram algumas pessoas a superarem os sintomas de depressão, principalmente através do empoderamento. Ele ressalta que a maioria dos militantes, mesmo após conquistarem sua moradia, seguem o Movimento para ajudar quem ainda não tenha conseguido. O autor, que é especialista em psicanálise e pós-graduado em psiquiatria, cita Freud

para retratar como as pessoas lidam com a morte e posteriormente explica que as “experiências de quase-morte” levam à ressignificação da vida, tornando as pessoas mais solidárias e éticas.

Referenciando Camus em ‘A Peste’, Boulos traça um paralelo entre a obra e a realidade frente à pandemia, com lideranças políticas negligenciando o perigo iminente e colocando a sociedade de consumo em xeque. Ele também mobiliza Naomi Klein, em ‘A Doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre’, publicado em 2007, para reforçar a premissa de que uma agenda de destruição dos direitos sociais ditou as regras no âmbito do debate econômico mundial. Assim, em um contexto de múltiplas crises, aproveita-se o estado vulnerável em que as pessoas se encontram para impor medidas econômicas que normalmente não seriam aceitas. Com isso, as epidemias do século XIX deram vazão ao higienismo, ideologia de segregação urbana que deixou fortes marcas, inclusive em território brasileiro. Tal construção ideológica, portanto, foi chamada de “remanejamento do espaço urbano”, o que não significa nada além do que alijar as populações pobres e de trabalhadores das regiões centrais das cidades.

Boulos discorre sobre como as práticas higienistas costumam ser tratadas sob uma perspectiva racista durante as pandemias no Brasil. Por exemplo, pode-se observar um esforço prioritário em eliminar a febre amarela ao lado de uma quase completa inobservância à tuberculose, ainda que esta última costume fazer muito mais vítimas fatais. Nessa dinâmica, o autor percorre uma decisão histórica da Inspeção Geral de Higiene em 1892, que recebeu o aval para fechar cortiços no Rio de Janeiro se achasse necessário. Tal acondicionamento acabou ocasionando a demolição do cortiço Cabeça de Porco, que teria alojado até 4 mil pessoas anteriormente. Na época, todas estas pessoas que subitamente ficaram sem moradia subiram os morros formando a história das favelas cariocas. Em São Paulo, guiada pelo exemplo carioca, a “Operação Bota-Abaixo” autoritariamente despejou milhares de moradores de habitações coletivas. A reação segregadora da peste bubônica em 1899, se exemplifica para o autor na criação dos bairros Campos Elíseos e Higienópolis, extremamente elitizados e operando com alto padrão de saneamento para a época.

No caso da pandemia de Covid-19, Boulos enfatiza que o mercado se apresentou de modo antiético, subindo preços de equipamentos de proteção individual e com hospitais privados aumentando em até 900% o valor de uma consulta de emergência médica. O autor rememora o fato de o líder de Bolsonaro na câmara, Ricardo Barros, ir aos meios de comunicação requisitar um “socorro público aos hospitais privados”. Na ocasião, em clara defesa dos investidores, Barros afirmava que os hospitais estavam arrecadando menos, visto que a pandemia reduziu os acidentes de carro e os “clientes da covid” não teriam rendido o esperado. Tal retórica, exemplifica o claro descaso com que a vida humana é tratada, o que é representação de um “mundo onde os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõem a todas as outras noções de direito” (Harvey, 2014, p. 75).

Por outro lado, o autor salienta que o Estado teria voltado a assumir certo protagonismo com investimentos públicos sendo determinantes em diversos setores. Diante da clarificação da perversidade da lógica do mercado, houve um reforço ao reconhecimento da importância dos sistemas universais de saúde

pública, que reafirmou, ainda que momentaneamente, o princípio da saúde como direito universal. Também foi possível observar uma onda solidária em todo o mundo. Na ocasião, o MTST criou o Fundo Solidário, com múltiplos projetos associados que, dentre eles, distribuiu “duzentas toneladas de alimentos, mais de cento e cinquenta mil refeições produzidas por cozinhas coletivas, kits de limpeza e proteção e mais de cem mil máscaras confeccionadas por coletivos de costureiras das periferias” (Boulos, 2022, p. 52).

Já na segunda onda da pandemia no Brasil, em 2021, o MTST organizou dezenas de “Cozinhas Solidárias”, distribuindo almoço para milhares de pessoas no país. Esse projeto fez “uma parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), para assegurar alimentação saudável, e com o Sindicato dos Petroleiros, que fez doações de botijões de gás” (Boulos, 2022, p. 53), o que mitigou os efeitos das crises. Curioso salientar que um movimento social tenha conseguido estruturar um projeto de tamanha dimensão, apenas com o trabalho voluntários dos militantes e dependente de doações da comunidade. Isso reforça as tantas lacunas deixadas pelo governo federal da época, que atuou ora sendo omissos, ora aprofundando ainda mais o cenário das crises.

No capítulo seguinte, Boulos aponta a ascensão global da extrema-direita como resultado de um sistema econômico e político em decadência. Ele mobiliza um conceito da psicanálise de “sobredeterminação”, para explicar que há mais de uma causa para um fenômeno. Sobre as causadoras, ele destaca: i) “a naturalização da barbárie no capitalismo contemporâneo”, onde o lucro supera os valores da monarquia e religião, enaltecendo o individualismo, consumismo e mercantilização das religiões; ii) “a devastação econômica gerada por quarenta anos de hegemonia neoliberal no mundo”, onde direitos trabalhistas foram perdidos junto com redes de assistência social e a promoção da ideia de Estado mínimo; iii) a ideia de “uma crise de representação política das democracias liberais”, onde a extrema-direita aproveitou a insatisfação com a política por parte do povo; e, por fim, iv) a permanência do trumpismo mesmo após sua derrota eleitoral nos Estados Unidos, bem como do bolsonarismo no Brasil (Boulos, 2022, p. 59 e 60).

Boulos utiliza o conto ‘De quanta terra precisa um homem?’ de Tolstói para ilustrar a ganância do homem por terras, onde o personagem principal faz um pacto com o diabo onde toda a terra que ele percorresse caminhando seria dele se conseguisse retornar para sua aldeia antes do anoitecer. O personagem ambicioso percorre o máximo de terras que consegue e retorna correndo, caindo morto de exaustão. Para ele: “poderia ser a simples história de um indivíduo ganancioso, mas é a história de uma sociedade. O capitalismo elevou o lucro acima da vida das pessoas e do planeta” (Boulos, 2022, p. 61). Assim, a pandemia só evidenciou um sintoma da “indiferença com a vida” que nada mais é do que “código moral de uma sociedade adoentada”.

O autor então utiliza o exemplo de uma diretora médica de planos de saúde nos Estados Unidos, que depôs em audiência pública afirmando que a lógica desse sistema era rejeitar o máximo de solicitações dos pacientes, ainda que rejeitar uma requisição signifique levar alguém à morte. Ou seja, é uma indústria onde a “perda médica” não estaria no âmbito do paciente, mas na perda financeira quando o plano aceitasse conceder tratamento aos seus clientes.

Ainda nesta temática, fala sobre como a indústria farmacêutica age abandonando a pesquisa de remédios que realmente curam, para focar em medicações de uso contínuo para lucrar mais. Negligência essa que também esteve presente no contexto de Covid-19, visto que muitos avisos foram dados para a possibilidade de uma nova epidemia e a produção de vacinas para cepas foram interrompidas. No mais, “nesse encontro do capitalismo com a barbárie, há vidas que valem mais do que outras. As vidas do Sul global valem menos que as do Norte, as vidas negras valem menos que as brancas. E isso é naturalizado socialmente de modo brutal” (Boulos, 2022, p. 64).

Em uma crítica contundente, Boulos denuncia o genocídio de jovens negros nas periferias do Brasil. Ele refere o caso do menino João Pedro de São Gonçalo, que foi vítima de fuzilamento por policiais enquanto brincava no quintal de casa, e o caso de João Alberto, espancado até a morte por seguranças de uma rede de supermercados em Porto Alegre. Ilustrando a maneira descartável que as vidas na periferia são tratadas, o autor traz o caso da “farinata”, que mistura de alimentos vencidos altamente criticada por nutricionistas, sugerida pelo então prefeito de São Paulo João Dória para ser distribuída nas merendas escolares municipais. Na ocasião, a então primeira-dama Bia Dória afirmou em uma live durante a pandemia que dar marmitas aos que vivem nas ruas seria um incentivo para que eles permanecessem por lá.

Para Boulos a aporofobia, que é o ódio aos pobres, reflete uma tradição escravista, que se desdobrou no racismo estrutural. Ele cita Freud para explicar o que o Brasil é “o país do recalque histórico”: sendo uma sociedade incapaz de elaborar seus antecedentes, passa a bloquear uma construção de futuro. Dentre as cenas cotidianas, há a de Bolsonaro imitando a morte de uma pessoa com falta de ar e Trump colocando crianças imigrantes em jaulas, ambas podem representar a “naturalização cotidiana da barbárie”. Neste sentido, “por mais que muitos liberais façam cara de susto e reneguem as perversidades da extrema-direita, os monstros são filhos legítimos do sistema de valores criados por eles” (Boulos, 2022, p. 67).

Na sequência, Boulos explica o fenômeno do neoliberalismo, apontando os marcos históricos e apontando que sua implementação se deu através de três grandes mudanças econômicas: financeirização, perda de poder regulador do Estado e precarização do trabalho. Para ele “de todas as desregulamentações neoliberais, a precarização do trabalho, vendida como efeito colateral de um crescimento que não veio, é a que teve consequências mais diretas e imediatas sobre nossas sociedades” (Boulos, 2022, p. 76). Ao tratar especificamente do fenômeno das plataformas digitais, Boulos é contundente: “lançado à própria sorte e sem seguro-desemprego, fundo de garantia, férias, décimo terceiro salário ou aposentadoria, o trabalhador uberizado precisa rezar contra qualquer imprevisto. E, em operação ideológica impressionante, é apresentado como empreendedor” (Boulos, 2022, p. 76).

No aspecto industrial, mostra como o Brasil sofreu durante a hegemonia neoliberal, passando por um “forte processo de desindustrialização e retornou a uma lógica neocolonial” (Boulos, 2022, p. 6)., estando entre os países que mais sofreram com a desindustrialização nos últimos 50 anos, de acordo com o IEDI (2019). Boulos explica alguns apontamentos de Piketty (2014) e frisa como foi crucial o esvaziamento do papel

regulador do Estado para que se firmasse a concentração de renda. Ele ainda alerta sobre como as corporações, além de se apropriarem dos recursos públicos, também têm avançado sobre os recursos naturais.

Boulos aponta como a extrema-direita demonstrou grande capacidade de dominar algoritmos, mapeando como a crise econômica reverbera na opinião pública e como “transformar a antipolítica e o antissistema numa luta ideológica de cunho conservador”. No caso brasileiro, “o discurso de combate à corrupção foi instrumentalizado para uma guerra política que derrubou uma presidenta, prendeu injustamente um ex-presidente e elegeu o pior presidente da nossa história” (Boulos, 2022, p. 80).

No que diz respeito ao uso das mídias digitais, “investindo pesadamente em análise de big data, os estrategistas da extrema direita foram segmentando os públicos potencialmente sensíveis ao discurso conservador. [...] Através da segmentação, o populismo de direita conseguia falar com e para cada pessoa somente aquilo que ela desejava ouvir/ler” (Boulos, 2022, p. 80). Assim, se transferiu o foco do “inimigo” para as minorias, principalmente a comunidade LGBTQIAPN+ que seria uma ameaça para a família tradicional brasileira.

No capítulo “Cidades, resistência e esperança”, Boulos reforça a ideia de que “as cidades são o espaço de sociabilidade da vida contemporânea e contêm todas as suas virtudes e contradições. A desigualdade social, grande marca do capitalismo, expressa-se nas cidades como desigualdade territorial” (Boulos, 2022, p. 86). O autor exemplifica os efeitos da desigualdade urbana, apontando o fato de que a expectativa de vida de bairros vizinhos em São Paulo se difere em até 23 anos. Esse dado representa historicamente “a própria definição da paisagem urbana, dividida em opulência e miséria, em centro e periferias” (Boulos, 2022, p. 86).

Além disso, o autor reforça o processo de urbanização acelerada de São Paulo que, devido à rápida industrialização, provocou um grande êxodo rural em direção à capital paulista. Em um processo higienista, de se expulsar os trabalhadores dos bairros centrais, elitizando essas regiões. Ao mesmo tempo, são vendidos lotes (agora valorizados) em áreas distantes a esses mesmos trabalhadores. Faz-se assim, “a incrível mágica de transformar hectares em metros quadrados” (Boulos, 2022, p. 88). Os trabalhadores que resistissem tentando se estabelecer nas regiões centrais eram vítimas de despejos violentos. Ainda assim, como os casos dos cortiços, a favela Paraisópolis em São Paulo e as favelas no alto dos morros no Rio de Janeiro, há exceções que conseguiram permanecer nos locais.

Boulos apresenta como a especulação imobiliária foi subproduto deste processo de financeirização da terra urbana, com vastos imóveis valiosos com proprietários finais desconhecidos em São Paulo, fenômeno chamado de “cidades-fantasma” por David Harvey (2014). Com o neoliberalismo, “os imóveis tornaram-se ativos financeiros abstratos, títulos negociados na bolsa pelos fundos imobiliários. [...] Não há mais qualquer conexão entre o ativo financeiro e o território real, com seus usos sociais concretos, onde vivem as pessoas de carne e osso.” (Boulos, 2022, p. 90).

O autor denuncia como as cidades perderam sua capacidade de propiciar a convivência, onde os espaços públicos foram sendo privatizados e os ricos se fecharam em condomínios com acesso extremamente

controlado. Para Boulos, esse isolamento fortalece as diferenças e o autoritarismo, desumanizando o ambiente urbano e colocando como 'bandidos' as pessoas que vivem embaixo de viadutos. Esse 'outro', sujeito diferente de mim, que é tido como causadores da violência urbana e considerado perigoso para sociedade, acaba por enaltecer em uma auto imagem do "cidadão de bem".

Boulos ilustra com as relações de confiança comunitária nas periferias, sua resistência e traz a constatação de Marx sobre como os trabalhadores reunidos no mesmo espaço, sob as mesmas condições de exploração levaram à criação da identidade coletiva e consciência de classe. Neste sentido, "o ideal de cidade moldado pelo mercado é que a periferia só exista para limpar os banheiros das pessoas que vivem no centro, entrando de cabeça baixa pelo elevador de serviço, ou para servir-lhes nos restaurantes, sorridente à espera de uma gorjeta. Mas a periferia existe. E resiste" (Boulos, 2022, p. 92). Ilustrando esse aspecto, ele cita as Comunidades Eclesiais de Base nos anos 1970 e 80 como importantes na luta por saúde pública e moradia, tendo os movimentos territoriais periféricos ganhando maior protagonismo nas últimas duas décadas. Menciona ainda os piqueteiros na Argentina ao denunciar o desemprego conquistaram os "planes", que é um programa social que fomentava iniciativas de trabalho colaborativo e instrumentos de organização popular dos territórios.

Para Boulos, a Bolívia carrega o exemplo mais forte de organização territorial, com a Guerra da Água nos anos 2000, revertendo a privatização de uma empresa de saneamento. Em 2003 ocorreu ainda a Guerra do Gás, que derrubou o projeto e o presidente, que pretendia construir um gasoduto para enviar gás boliviano barato para os Estados Unidos e México. Ele explica como a cidade de El Alto simboliza a organização periférica, com grande poder popular.

No Brasil, o MTST, que é o maior movimento social pela moradia do país, vai muito além do enfrentamento travado a partir das ocupações. Nos últimos anos, a militância esteve "na linha de frente de mobilizações por saúde, creches, transporte público, áreas de lazer e outras pautas de direito à cidade, a partir de uma articulação em rede com comunidades periféricas nas regiões vizinhas às ocupações" (Boulos, 2022, p. 92). Mais recentemente, "as cozinhas solidárias têm sido um exemplo de auto-organização de comunidades para combater o avanço devastador da fome no país, funcionando também como espaços de encontro" (Boulos, 2022, p. 92).

Boulos ainda cita os coletivos culturais que expressam a cultura popular, muitas vezes fruto do processo de democratização do ensino superior, que leva os jovens a se engajarem nas pautas sociais. Afirmando que "do solo periférico, também brota esperança" ele destaca que "a dinâmica de segregação urbana é uma máquina de moer subjetividades. Porém, do mesmo modo que há resistências pulsantes, há também iniciativas que resgatam a paixão pela vida e vínculos de solidariedade" (Boulos, 2022, p. 97). Boulos discorre sobre como as organizações coletivas das periferias são também um importante instrumento contra a depressão, onde a força coletiva leva a um ambiente de cooperação. Um ambiente que reduz as desigualdades e empodera os cidadãos. Para ele "nesses inúmeros processos coletivos, a esperança renasce. Novos horizontes se abrem, a

partir de um modo de relação social fundado na solidariedade, não mais no ‘cada um por si’ (Boulos, 2022, p. 97).

No último capítulo, ao projetar a reconstrução do Brasil, Boulos enumera acontecimentos e dados desde o governo Temer, que fortaleceram o neoliberalismo e as desigualdades sociais, enfraquecendo as políticas públicas e reduzindo o investimento. O autor ilustra com índices comparativos, que se tratava de uma falácia para atrair investimento privado, prejudicando a população. Ele cita o desmanche de programas sociais como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida e o Mais Médicos, que expulsou dez mil médicos cubanos das regiões mais necessitadas do país. Outro ponto foi o desinvestimento em áreas estratégicas, o que levou ao corte de bolsas de pesquisa e ao contingenciamento de 92% do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Boulos fala também sobre os fortes ideais antidemocráticos de Bolsonaro que exaltava torturadores da ditadura e comissionou um abrangente número de militares na administração federal.

Boulos versa sobre o governo Lula e o sucesso de seu primeiro e segundo mandato, que resultou em aproximadamente 90% de aprovação da sociedade em 2010. O autor alerta sobre como o cenário encontrado por Lula e Dilma não será o mesmo deixado por Bolsonaro, e que além de derrotá-lo eleitoralmente é necessário derrubar sua agenda política através de um programa de reconstrução. Ele enumera as diferentes questões que não podem ser ignoradas nas pautas tributárias e políticas. Além disso, ele destaca como será importante a participação da sociedade para superar os destroços deixados pelo bolsonarismo.

De modo propositivo, Boulos elenca cinco grandes eixos para um programa de reconstrução nacional: i) Plano emergencial de obras públicas em infraestrutura, saneamento básico e moradia popular, impulsionando uma geração maciça de empregos e direitos sociais; ii) Política ousada de combate às desigualdades, o que inclui uma Reforma Tributária progressiva; iii) Reforma Política baseada no aumento da participação popular via plebiscitos, referendos e conselhos setoriais deliberativos, entre outros; iv) Investimento estratégico em educação, ciência e inovação; e, por fim, v) Plano de transição ambiental com forte subsídio público para a agroecologia e diversificação produtiva no campo, com prioridade para abastecimento do mercado interno.

Essa relação de pautas são basicamente os fundamentos ideológicos defendidos por Guilherme Boulos na sua candidatura à câmara federal pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) na eleição de 2022. Na ocasião, Boulos foi eleito Deputado Federal, sendo o candidato mais votado do estado de São Paulo¹. Essa vinculação do MTST com um partido político se deu quanto estratégia do movimento de encabeçar, por meio da própria representação da base de militantes, os próprios projetos de governo.

Boulos defende que “a militância foi perdendo a dimensão do sonho” (p. 120), onde as dificuldades ultrapassaram a capacidade dos militantes acreditarem na mudança. Além disso, ele ressalta como a esquerda foi convertida no senso popular na busca de interesses pessoais e privilégios. Ao discorrer sobre como o bolsonarismo se tornou uma força social, engajando pessoas em uma visão de mundo e valores conservadores,

¹ https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/10/02/interna_politica,1401931/guilherme-boulos-e-eleito-deputado-federal-mais-votado-por-sao-paulo.shtml

Boulos destaca como é importante que a militância seja forte para vencer essa onda de desinformação cultuada pela extrema direita.

Neste sentido, ele encerra o livro com um chamado à ação coletiva: “a militância socialista é um ato de coragem. É desafiar a consciência dominante á muitas vezes recusar a opção pelo caminho mais fácil” (Boulos, 2022, p. 124). Ele reforça a importância de “atuar coletivamente, abdicando do posto de senhores de nossa verdade e dispondo-nos a aprender com quem caminha junto conosco” (p. 124). Por fim, ele reforça que a “militância é movida por fortes sentimentos de amor, indignação e solidariedade, que não se sustentam se forem apenas projetados num ideal idílico de sociedade futura” (p. 124).

Dado ao conjunto de elementos trazidos por Boulos ao longo da obra, que recorre a uma análise de conjuntura nacional sem perder um contexto internacional dos temas, vê-se a consolidação das premissas históricas do MTST em perspectivas. É possível considerar que o movimento deixa de ter uma atuação voltada às ocupações urbanas, ainda que essa seja sendo uma ação basilar, mas volta-se para multiplas frentes, compreendendo a temática da moradia em suas complexidades. Além disso, o movimento se formalizando ao buscar alinhar-se ao quadro de construções de políticas públicas alinhadas a concepção de um Estado democrático de direito.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

REFERÊNCIAS

Boulos, G. (2022). Sem medo do futuro. São Paulo: Editora Contracorrente.

Harvey, D. (2014). Cidades rebeldes. São Paulo: Martins Fontes.

IEDI (2019). O perfil setorial do retrocesso da indústria brasileira. Disponível: https://iedi.org.br/cartas/carta_iedi_n_920.html